

PREFÁCIO – A CONSCIÊNCIA SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA

O cristianismo possui, indiscutivelmente, uma dimensão social. Demonstra-o o próprio Evangelho e, de forma ainda mais clara, a história dos inícios. Mesmo no difícil enquadramento político dos primeiros séculos, nunca as comunidades cristãs descuraram essa dimensão. E não se tratou, simplesmente, da organização caritativa da vida interna da comunidade. Os cristãos – e sobretudo os seus autores mais influentes – marcaram a sua presença firme no debate público sobre a própria organização das sociedades em que se inseriam. A consciência da diferença entre a cidade terrena e a cidade celeste em nada diminuiu o sentido de responsabilidade pela vida do mundo e pelo modo como ela se realiza. E essa responsabilidade – em permanente tensão mas também em aliança entre eternidade e *saeculum*, dimensão espiritual e dimensão temporal – permaneceu viva durante toda a Idade Média.

A modernidade trouxe desafios novos. A pretensa emancipação do *saeculum* conduziu, na maioria dos casos, ao refúgio da fé no âmbito da vida privada – considerada individualmente ou em grupo. Nasceu assim a ideia de “religião” como uma dimensão que diz respeito apenas ao sujeito individual e às suas opções livres ou, quando muito, às organizações que reúnem esses sujeitos, para fins estritamente privados. Também a Igreja foi incluída, até hoje, na lista dessas organizações “privadas”. E, por vezes, ela mesma aceitou esse estatuto, alheando-se da vida social que inevitavelmente a circunda e em que se insere.

Mas a modernidade trouxe consigo ainda outros desafios, nomeadamente para a vida social. O crescimento da vida urbana, a industrialização, os movimentos políticos, tudo isso colocou a humanidade perante situações novas, com problemas novos – e, muitas vezes, problemas graves – para os quais não se conheciam soluções. No seu conjunto, podemos falar dos problemas – também desafios – sociais do mundo moderno. A Igreja, que parecia ter aceite, por momentos, o seu estatuto de “retirada” da vida social, regressa, nesse contexto, em força. E regressa de vários modos. Por um lado, através de grupos interventivos na vida cívica e política; por outro lado, através de movimentos eclesiais empenhados na vida social contemporânea; por outro ainda, através de textos emblemáticos, para ajudar cristãos e não cristãos ao discernimento das situações sociais, eventualmente a encontrar soluções para os enormes problemas que se manifestavam.

É neste último contexto que surge a denominada Doutrina Social da Igreja (DSI). Ao longo de mais de um século, foi abundante a produção do Magistério da Igreja, neste âmbito. Nesse sentido, o corpus da DSI é já notável, pelo seu volume mas também pela variedade das abordagens. Todas elas possuem permanente atualidade, como revelam os textos mais recentes. Mas precisam de ser situadas no seu contexto de origem e na sua evolução.

O que pretende esta obra do P. Domingos Vieira é precisamente fornecer elementos para uma segura orientação na complexidade desse corpus. Do seu profundo conhecimento da DSI resulta uma introdução esclarecida e, ao mesmo tempo, acessível e organizada, que permitirá ao leitor, certamente, penetrar na leitura dos textos com notável conhecimento, em ordem a uma mais correta interpretação. Como leitores portugueses, poderemos certamente agradecer este contributo, porque nos ajudará a penetrar num assunto que continua a ser fundamental para a nossa vida em sociedade.

João Duque